

## Resenha

# A Medicina dos Sintomas (por Gilson Dantas)

Bárbara Bontempo de Menezes<sup>1</sup>

Gilson Dantas, médico e doutor em sociologia, aponta os vieses da prática médica atual na publicação «A Medicina dos Sintomas»<sup>2</sup>. O autor defende a tese de que o erro está no método, e não é à toa, nem por má vontade dos profissionais. Acima de tudo, o método praticado nos consultórios públicos e privados do país serviria ao capitalismo de várias maneiras. Dantas começa descrevendo o atendimento imediatista, que permite o pronto retorno do trabalhador a seu posto de trabalho. Nesta prática, prevalece uma abordagem rápida em que a comunicação é pautada puramente pelos sintomas. O paciente é reduzido a sua parte com problema ou até mesmo ao problema de sua parte. Promove-se o consumo de exames e prescreve-se a dependência de medicamentos, atendendo aos interesses de uma das indústrias mais lucrativas do mundo. Esse círculo se fecha com a produção de novos sintomas gerados pelos tratamentos químicos propostos (iatrogenia) e, assim, novas demandas por serviços desse mesmo tipo.

Para o autor, tão grave quanto o que faz essa assistência reducionista é o que ela deixa de fazer: a busca das verdadeiras causas do adoecimento na forma da organização social e uma proposta de superação mais humana e mais científica. Dantas aponta que a própria formação médica forma, ou deforma, o profissional para o fatiamento do paciente e limita sua competência. E o autor não poupa críticas às chamadas “correntes holísticas” como a homeopatia e o uso de florais, que não promoverão nenhuma superação séria desse modelo individualizado e mercantilizado e se baseiam em premissas indemonstráveis.

As críticas do autor não serão necessariamente novas para a discussão dos modelos de atenção à saúde no Brasil, mas sua leitura certamente contribuirá para uma visão mais lúcida e sistêmica dos problemas metodológicos da medicina praticada hoje nos consultórios públicos e privados. Nos dois primeiros capítulos o autor voltará repetidamente a essas conclusões. À medida em que se avança nesse curto volume, apresentam-se novas perspectivas, cada vez mais amplas e articuladas no contexto da supremacia capitalista. Os exemplos utilizados -- pacientes com hipertensão dependentes de drogas que não curam, pessoas com alergias nunca investigadas, são relevantes para sua argumentação e, infelizmente, comuns demais para serem descartados como casos isolados. Segundo Dantas, sequer os fatores nutricionais e de stress e outras condições relacionadas ao trabalho são devidamente abordados nas práticas quotidianas.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação, atua na Escola Fiocruz de Governo e cursa Pós-graduação em Saúde Coletiva pela mesma instituição.

<sup>2</sup> Dantas, Gilson. A Medicina dos Sintomas. 1ed. Brasília: Editora Itacaiúnas, 2015.

O leitor será provocado, talvez, a reforçar suas convicções na necessidade de um Sistema Único de Saúde, universal e capaz de atuar para além do imediatismo da assistência, abordando efetivamente os determinantes sociais, a prevenção e a promoção da saúde. Talvez pense também na importância das Universidades públicas de qualidade, capazes de promover pesquisa científica independente para apontar caminhos de cura e de bem-estar. Ainda há muito a se fazer para avançar nesse sentido.

Entretanto, para o autor, apostar nas vias de solução conhecidas nunca será suficiente. A sociedade de classes é incompatível com esse projeto e só a revolução socialista abrirá os caminhos que levam à saúde e à felicidade. Seu terceiro e último capítulo nos convidará a imaginar a recuperação da saúde segundo parâmetros completamente diferentes, em que uma hipertensão, por exemplo, seria tratada em um cenário livre de estressores e poluentes, com a ajuda de massagens e nutrição balanceada, uma espécie de SPA público e gratuito para todos os que necessitarem, ao tempo que a sociedade se transforma num ambiente mais saudável. Enquanto cita entre suas bases teóricas de R. Virchow a A. Einstein, Dantas desenvolve suas próprias conclusões e é categórico: “Não há terceira via”.